

Darcy Ribeiro, o brasileiro [Entrevista de Darcy Ribeiro à Folha de São Paulo em 1995]¹

Chego a Maricá, litoral norte fluminense, mar azul e aberto, cavalos e búfalos, sol impiedoso. Darcy Ribeiro dorme na rede pendurada no terraço de sua casa, plantada na areia, desenhada por Niemeyer, sem telefone. “O professor deve acordar daqui a duas horas”, informa o enfermeiro.

Passado o intervalo, andando lentamente, já sem seus cabelos esvoaçantes, vem em minha direção. Apresento-me e elogio a beleza do lugar. Pede, então, que eu erga o nariz e respire fundo. Atendo. “Está sentindo o cheiro?” Vacilo. “Cheiro de que, professor?” Aponta o horizonte: “Ora, das negras de Angola que estão aqui em frente”.

No início do mês, o antropólogo, professor, escritor, político e polemista Darcy Ribeiro fez mais uma das suas. Aos 72, internado por conta de uma pneumonia — ele que, com câncer, tem apenas um pulmão— escapou do hospital. Com muito custo, convencerá o médico de passar em sua casa, no Rio, para pegar escritos e voltar.

Mas mudou de rumo: seguiu para o retiro em Maricá, com direito a um caldo-de-cana na estrada. “Fugi para acabar meu livro, não poderia deixar de terminá-lo”, explica.

1 Entrevista publicada em 5 de fevereiro de 1995 no caderno Mais! da Folha de São Paulo. Agradecemos à Folha e ao Marcos Augusto Gonçalves a gentileza por autorizarem a inclusão da entrevista nesta edição da revista *O que nos faz pensar*. Em deferência ao original, mantivemos a ortografia vigente à época.

* Editorialista da Folha e Editor da Ilustríssima. Editor da Revista da Folha na época da entrevista. E-mail: mag.augusto.goncalves@gmail.com

O livro, que já recebeu outros títulos, foi, pela última vez, batizado de “O Povo Brasileiro” (leia trecho à pág. 6-6). É o fecho da copiosa produção do antropólogo em torno das especificidades históricas, culturais e étnicas do Brasil.

Darcy deita na rede para falar do livro e de sua vida. Não espera pela primeira pergunta. Começa sozinho.

Darcy Ribeiro - Aqui estou numa praia carioca, nesta casa posta junto ao mar, dialogando comigo. Contento da saúde que volta e da lucidez que me estão permitindo concluir o livro que tanto quero fazer. Acabei de mudar o nome dele. Em vez de “A Geração do Brasil” vai se chamar “O Povo Brasileiro”. Acho que é meio pretensioso este título, mas o tema do livro é mesmo como se construiu o povo brasileiro.

A única coisa ruim aqui é o espelho. Eu olho para mim e não gosto. Estou achando minha cara muito pequenininha. Eu tinha uma cara grande, o cabelo dava a impressão de uma pessoa respeitável, um carão. Agora é uma carinha de porcaria, muito magrinha. Essa cara me dá grande tristeza. Eu faço a barba e fico danado comigo e com saudade da cara que eu tinha. As minhas amigas dizem que eu não estou feio, mas estou me achando horroroso.

Folha - Como era o menino Darcy e o mundo em que passou sua infância?

Darcy - Cresci em Montes Claros, um lugar ótimo para ser criança. A cidade teria três mil habitantes. Todo mundo se conhecia e todo mundo tomava conta de mim, porque sabiam que eu era um perigo. Eu fiz duas coisas danadas. Uma não é publicável em jornal: um concurso de punheta.

O bispo ficou furioso. Achei durante algum tempo que aquilo era uma indicação da minha lucidez, que eu tinha rompido com a religião e alcançado uma visão mais racional do mundo. Mas não era nada disso. O fato é que eu não queria ser Silveira, a família da minha mãe, de gente pia, religiosa. Queria ser Ribeiro, que era uma gente ruim, ganhadores de dinheiro. Para isso fiz o papelão.

Outro papelão, que ficou conhecido na cidade, aconteceu depois de eu presenciar um balanço da farmácia do meu tio. Um homem lá disse: “Que exagero, tanto azul de metileno, dava para pintar o oceano Atlântico”. Eu nunca tinha visto o oceano Atlântico. Roubei um quilo do azul de metileno, chamei meu melhor amigo e disse para ele: “Isso dá para pintar o oceano Atlântico”. Fiquei entusiasmadíssimo. A coisa mais parecida com o oceano

Atlântico que tinha na cidade era o reservatório de água. Fomos lá e ficamos um xingando a mãe do outro, com medo de que fosse venenoso. Mas acabamos jogando. A água ficou toda azul, eu cheguei em casa e levei uma surra.

Folha - Foi, então, uma infância feliz?

Darcy - Foi uma infância feliz. Fui órfão de pai aos três anos, o que é muito confortável, já que não houve quem me domesticasse. Fui feito dessa ausência e de uma outra, que é não ter filhos. Como não fui domesticado e não domestiquei ninguém, fiquei com um espaço de liberdade que poucos têm.

Folha - Por que o interesse inicial pela medicina?

Darcy - Acho que por ter um tio médico, com status muito grande. Fui para a Faculdade de Medicina, em Belo Horizonte, aos 17 anos. E ao chegar lá me encantei. Vinha de uma cidade pequena e as discussões políticas da grande cidade me fascinaram. Era o Estado Novo, 1940, os integralistas querendo me conquistar de um lado, os comunistas, de outro. Não entendia o que acontecia.

Minha primeira opção política foi pelo comunismo. O Prestes estava preso, era um herói. A biografia do Prestes pelo Jorge Amado teve um grande efeito sobre mim. Passei a frequentar aquilo ativamente. Um dia descobri a Faculdade de Direito e de Filosofia e passei a fazer mais cursos nessa área do que na Medicina.

Lembro que o único sábio de Belo Horizonte, que era Carlos de Campos, um filósofo formidável, me recebia e conversava comigo. Eu tinha 18 anos. Li um livro de divulgação de filosofia e fiquei encantado. Montes Claros nunca teve um Sócrates, nem Belo Horizonte!

O fato é que durante três anos eu tomei bomba em Medicina. E pensava seriamente em me suicidar. No diário daquela época escrevi: “Não decidi que ia nascer, decido hoje se vou viver”. Até que eu “induzi” um poetinha que tinha lá, de costeletas, a se suicidar. Dizia que ele não tinha valor, que ele não tinha peito para se suicidar. E ele se suicidou. Então eu escrevi no diário: “Fulano se suicidou por mim, eu posso deixar disso”. Isso mostra a brutalidade de um jovem de 19 a 20 anos.

Folha - O sr. escrevia alguma coisa nessa época, além do seu diário?

Darcy - Eu decidi nessa época escrever um romance. Escrevi um de 300 páginas. Hor-ro-ro-so! Chama-se “A Lapa Grande”. É a história de um rapaz cego, apaixonado por uma prima. A história é a da volta da visão, que retorna como dor. A vista vai chegando e um dia, dentro de casa, ele começa a ver a luz. A mãe chega, pergunta o que está acontecendo, ele consegue ver a mãe e a acha muito feia!

Folha - O sr. tinha contato com intelectuais mais velhos?

Darcy - Eu convidei de São Paulo, para uma conferência no diretório estudantil, o sociólogo norte-americano Donald Pierson. Mostrei Ouro Preto e Mariana para ele, a prosa foi boa e eu o impressionei como jovem brilhante. Ele, então, me deu uma bolsa para estudar sociologia política em São Paulo. Anos depois ele se queixava, dizendo que tinha má pontaria: todo o jovem por quem se interessava, como o Florestan Fernandes e eu, acabavam se revelando comunistas... Ele queria ter criado um sociólogo como ele, de direita, e não conseguiu.

Folha - Como foi sua experiência em São Paulo?

Darcy - Foi aquele susto. Quando cheguei, fiquei logo muito ocupado para poder ver São Paulo. Organizava células comunistas. Passei a ser orientador da célula da Light. Era um estudante do PCB. Tanto que, quando me formei, o diretor da faculdade me obrigou a ler o meu discurso.

Foi a primeira grande tapeação que fiz na vida. Fui à casa do diretor e li, mas sem ponto nem vírgula. Era um bestialógico completo. Depois, li com a pontuação correta, e ele achou horroroso. Achou que eu tinha mudado o discurso.

Folha - Como era a cidade?

Darcy - Eu morei em muitos bairros, que hoje frequento com saudade e também com raiva. Por exemplo, na igreja da Consolação tinha uma bela praça, larga, com uma escola. Era um lugar em que eu namorava. Agora converteram num supermercado e numa passagem de metrô. E encheram a avenida São João com um viaduto horroroso. São os horrores de São Paulo. O Tietê e o Pinheiros, rios importantes, geográficos e bonitos, estão cheios de avenidas ao lado.

Todas as cidades do mundo amam os seus rios, Londres, Paris, Nova York. São Paulo é a única que não ama. O Pinheiros e o Tietê foram convertidos num fosso sanitário para carregar bosta de paulista. É uma coisa realmente lamentável. São Paulo nunca se deu confortos. Os paulistas têm orgulho da cidade que mais tem asfalto por habitante no mundo. Mas eu me lembro com saudade de Higienópolis, da rua Caio Prado, e dos lugares que eu vivi.

Folha - O sr. trabalhava em São Paulo?

Darcy - Arrumei um lugar de perito da Justiça do Trabalho. De vez em quando uma indústria queria demitir operários ou fechar uma unidade e eu ia lá ver se aquilo correspondia à realidade. Eu tinha estudado economia com o Simonson, que chegou a me oferecer um emprego. Era a possibilidade de eu aderir à ordem, mas não queria, evidentemente. Tive uma outra possibilidade, que era trabalhar no Rio, com a equipe do Rodrigo de Mello Franco, no Patrimônio Histórico. E tinha a alternativa de estudar os índios, de fazer etnologia.

Mas o que eu queria mesmo era dirigir o “Hoje”, um jornal comunista. O diretor, Câmara Ferreira, ia passar um ano fora, estudando na Rússia. Me ofereci, mas a direção do partido preferiu me “liberar” para os estudos. Diziam que precisavam de intelectuais e que eu deveria prosseguir meu trabalho universitário. Na verdade, o partido me jogou fora. Eu era agitador, era perigoso. Foi uma recusa que me fez sofrer muito. Fiquei numa situação contraditória: não era um renegado e não tinha sido expulso. Me considerava “licenciado”. Fui estudar os índios e fiquei nessa postura vaga até 54, quando o suicídio do Getúlio fez minha cabeça.

Folha - Como era o ambiente na Universidade de São Paulo?

Darcy - A escola tinha um grupo forte. Estavam por lá o Lévi-Strauss e o Radcliffe Brown (sociólogo inglês, 1881-1955), as duas maiores figuras mundiais da antropologia. Foi, portanto, um curso da mais alta qualidade. São Paulo foi que me catapultou. Se eu tivesse ficado em qualquer outro lugar do Brasil, não teria optado por ir para o mato, viver com os índios. São Paulo me deu ideais científicos.

Folha - O sr. conheceu Mário de Andrade?

Darcy - Tenho um caso curioso com ele. O paulista mais interessado em etnologia, o mais inteligente e vivo, o que eu mais admirava, era o Mário de Andrade. Um dia, marquei um encontro com ele, na livraria Jaraguá, na rua Marconi. Era uma livraria com casa de chá. Estava me preparando para a pesquisa de campo, tinha muitas perguntas a fazer e muito o que ouvir. Cheguei muito entusiasmado, mas para minha decepção, Mário estava sentado com dois inimigos: Germinal Feijó e Paulo Emílio Salles Gomes. Dois trotskistas. Os comunistas eram proibidos de falar com trotskistas. Eu tinha raiva de trotskistas. Depois, o Paulo Emílio veio a ser grande amigo meu, me ajudou a construir a Universidade de Brasília. Mas naquela fase eu tinha raiva. E acabei não falando com o Mário, que era a pessoa com quem eu mais queria ter falado. Logo depois ele morreu.

Folha - Quem mais o influenciou na época?

Darcy - Havia um professor alemão, Herbert Baldus. Ele teve muita influência na minha formação. Foi ele quem me empurrou para a carreira de etnólogo. Era um alemão atípico. Passou a Segunda Guerra em São Paulo. Era poeta.

Folha - O sr. teve contato nessa época com o Lévi-Strauss?

Darcy - Muito longínquo. Assisti conferências. O Baldus foi mais importante, inclusive para outros colegas, como o Florestan Fernandes. Ele nos empurrava para a pesquisa de campo.

Folha - O sr. já tinha interesse por Gilberto Freyre?

Darcy - Tinha. Toda a esquerda era muito contra o Gilberto. Falavam muito mal dele. Eu comecei a desconfiar que alguma coisa estava podre, porque “Casa Grande e Senzala” e “Sobrados e Mocambos” me encantaram. Eu reconheci logo que eram livros muito melhores do que “Os Sertões” e que tudo aquilo com o Gilberto era sectarismo. Mas ele era uma peça reacionaríssima. “Casa Grande e Senzala” é o ponto de vista da casa grande. Fala do negro dentro de casa, do negro fiel, mas não fala do negro de massa. Só no último parágrafo do livro ele fala que há também os negros no eito, que quando morrem são jogados na praia para urubu pinicar. O livro tem muita casa grande e pouca senzala.

Isso me inspirou um pouco para o livro que faço agora, que está ligado à necessidade de uma antropologia da sociedade brasileira, que não tenha uma visão de classe tão estreita quanto a do livro do Gilberto. Eu vim a conhecê-lo já formado, já professor, no Rio. O Anísio Teixeira, o homem mais inteligente que eu conheci, que me levou depois para a área da educação, me convidou para uma mesa em homenagem ao Gilberto. Na hora, o malandro do Anísio se levantou e disse: “O Gilberto vai ser saudado por Darcy Ribeiro”. Eu protocomunista. Gilberto da direita. E tive que falar de improviso da minha enorme admiração.

Depois, fui convidado, em segredo, para fazer o prefácio de uma edição em espanhol de “Casa Grande e Senzala”. Foi a crítica mais severa e o elogio mais deslavado que já se fez ao Gilberto. Sei que dei uma grande alegria a ele. Um homem de esquerda reconhecer a grandeza, a importância e a beleza do livro.

Folha - Quando partiu para o trabalho de campo o sr. foi direto ao encontro dos índios kadiwéu?

Darcy - Queria pesquisar esses índios cavaleiros. Eram dos índios mais falados do Brasil, os únicos que tinham adotado os cavalos. Criaram um verdadeiro império, que ia da fronteira de São Paulo até a Bolívia. Do norte de Mato Grosso até Assunção. Era um império. Uma gente que substituiu praticamente o parto pela adoção. Tomavam crianças de dois anos das tribos que eles dominavam e as mulheres criavam esses meninos. Eu me preparei para estudar esses índios, mas como não sou besta, antes de ver os meus índios quis ver outros, para ter uma base de comparação. Estudei os terena e os kaiowá.

Me impressionei com a inserção dos terena no sistema de trabalho do sul de Mato Grosso. Eram os principais trabalhadores enxadeiros da região, enxadeiros confiáveis. Aquele era o lugar que um índio que deixava de ser índio podia ocupar. Uma coisa também terrível foi ver a espiritualidade dos kaiowá. Uma gente maltrapilha, com um sofrimento tremendo. Tinham sido missionarizados pelos jesuítas, mas reconstituíram sua cultura. Saíam em andanças no rumo de Santos. Acreditavam que, se dançassem até o corpo ficar muito leve, eles levitariam e iriam ter à terra sem mares, a terra de Maíra. É um mito de uma grande beleza. São índios que hoje estão se suicidando.

Folha - E os “seus” índios?

Darcy - Os kadiwéu guardavam ainda alguma coisa do orgulho de um povo cavaleiro. Tive uma inserção muito boa na tribo. As mulheres quiseram casar comigo. Levei o livro de um etnólogo italiano, Guido Boggiani. Ao olharem comigo as ilustrações, eles reconheceram o retrato de uma mulher. Gritavam: “Lili, Lili!” Depois, na Itália, me entrevistaram sobre o Boggiani e me perguntaram de sua mulher kadiwéu. Mas não era uma mulher, era um homem, que vivia como mulher —o homossexualismo nessas tribos tinha a possibilidade de existir, o homem podia decidir se seria homem ou mulher. O fato é que tive uma relação muito profunda com eles, fiquei muito apegado emocionalmente, e até hoje recebo mensagens de lá.

Depois fui estudar os chamados urubus, os índios mais violentos do Brasil, na fronteira do Pará com o Maranhão. Fiz duas expedições, uma de nove meses, em 49, e uma de onze meses, posteriormente. Estive também no Xingu, estive com os bororos e com índios aculturados, em São Paulo.

Folha - Como foi seu encontro, posteriormente, com o Lévi-Strauss, em Paris?

Darcy - Foi uma coisa gozada. Eu tinha publicado meu livro “O Processo Civilizatório”. Mande para ele e depois fui procurá-lo para saber o que tinha achado. Ele respondeu: “Me interessou” —com um muxoxo. Eu disse: “Mas mestre, o que é isso, esse livro me custou tanto esforço, o senhor não pode me dar uma opinião?” Ele disse: “Não, não. Essa obra teórica sua e minha é bobagem. Você é um príncipe dos observadores, sua etnografia é ótima, por isso uso muito os mitos que você colhe. Quem pode fazer isso deve fazer isso, ficar estudando os índios”. E eu rebati: “E você fazendo a teoria?”. Ele disse: “Não é nesse sentido, minha obra teórica não vai durar 20 anos. O importante é a etnografia”. Eu saí muito puto com ele, porque era uma divisão de trabalho que eu não aceitava.

Folha - Quando foi isso?

Darcy - Deve ter sido em 72 ou antes. Talvez em 70.

Folha - Como o sr. foi, afinal, parar na vida política institucional, na política mais próxima do Estado?

Darcy - Em 1954 eu estava em São Paulo. Eram as comemorações do quarto centenário de São Paulo. Estava ajudando a montar uma exposição luso-brasileira, para a qual o Oscar Niemeyer havia projetado um museu redondo, no Ibirapuera —que os imbecis acabaram entregando à Aeronáutica, para colocar avião velho. Havia um congresso e eu mostrava um filme que tinha feito sobre um funeral bororo. No meio daquilo, vem a notícia de que o Getúlio tinha se suicidado. Na época, estava inclinado a acreditar naquela história do “mar de lama”. Mas levei um susto e, naquele momento, comecei a ver que o Getúlio era vítima de uma campanha da mídia.

Ele estava criando a Petrobrás e a Eletrobrás. Estava sendo enxotado do Catete. Os próprios ministros achavam que ele deveria sair, para evitar a guerra civil. Ao invés disso, esse homem, de 71 anos, arreventa o coração com uma bala. Para acordar o povo brasileiro. E acordou. Todos os brasileiros viram que era um complô contra ele, contra a política trabalhista e nacionalista dele. Foi uma revirada na política. Lacerda esperava ser presidente da República e acabou escondido na caixa d’água. Toda a direita se recolheu. E quem alcançou o poder foi JK, que fez um governo brilhante.

Naquele momento eu caí em mim: “O que é isso, esse homem que se suicida, essa luta que há aí dentro e eu brincando de comunista? Não há viabilidade nessa idéia”. Nesse momento, me aproximei do PTB.

Folha - Como o sr. conheceu João Goulart?

Darcy - Foi no Rio. Ele foi com a Maria Teresa, que naquela época era a mulher mais bonita do mundo! Estavam em lua-de-mel. Um amigo nos apresentou.

Folha - Com ele o sr. partiu para o trabalho na área de educação?

Darcy - Foi depois de 54 que deixei de trabalhar com índios e passei a trabalhar com o Anísio Teixeira. Ele se apegou muito a mim. Era uma pessoa com muitos planos, que trabalhava com o Juscelino. Ele enfrentou uma campanha de setores da Igreja e eu saí em defesa dele. O Juscelino o manteve no governo e acabamos indo trabalhar juntos. Foi daí surgiu a idéia da Universidade de Brasília. Junto com líderes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência formulei o projeto de uma universidade de novo tipo. Passei dois anos lutando para criá-la.

Folha - Foi muito difícil?

Darcy - Foi muito. No dia em que o Jânio renunciou, eu fui ao Palácio falar com o José Aparecido, que era secretário do presidente. Estava aquele ambiente soturno. Eu não sabia de nada. Ele me disse para ir à Câmara. Cheguei lá e tinham acabado de aprovar a carta de renúncia. Os deputados estavam agitadíssimos. Fui para a mesa e pedi para o Sérgio Magalhães colocar em votação a lei de criação da Universidade de Brasília. Ele disse: “Você está louco”. Mas acabou fazendo e a lei foi aprovada. Depois fui ao Senado. Falei com o Hermes Lima, que era o primeiro-ministro. Ele me recomendou que falasse com o Felinto Muller, então senador e presidente do PSD. Disse: “Eu? Procurar o Felinto Muller?” Mas acabei indo.

Ele, que era um homem de direita, gostou muito que um comunista o procurasse. Me convidou para tomar um chá na casa dele, aliás acompanhado de um bolo muito gostoso. Passou um tempo e ele me avisou: “Vai para a sessão de amanhã que o Senado vai aprovar sua Universidade”. Um senador do Rio Grande Sul, Mem de Sá, fez um discurso extremamente eloquente, dizendo que eu era um homem muito inteligente, muito coerente e comunista. E se era assim, a Universidade seria comunista. O Felinto nem olhou para mim. Botou em votação e a lei foi aprovada por grande maioria. Convidei o Anísio para ser o reitor. Ele se negou e, em função disso, o primeiro reitor fui eu.